

SIAP PORTO 2023 SEMINÁRIO DE INOVAÇÃO EM CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS

Pessoas invisíveis ou invisibilizadas? Abrir os olhos ao sistema de saúde. ¿Personas invisibles o invisibilizadas? Abrir los ojos al sistema de salud

Porto (Portugal), fase presencial a 29 e 30 de setembro de 2023 - Seminário bilíngue português e espanhol

MANAS: Contributos *bottom-up* para a inovação da política de drogas através de respostas à violência de género lideradas por pares

Manas, grupo de apoio mútuo entre mulheres consumidoras de drogas e/ou trabalhadoras de sexo

Joana Canêdo, doutoranda em "Estudos de desenvolvimento", ativista e co-criadora dos coletivos Manas e GAT, Portugal

1. Introdução: visão geral da política de drogas e organização das mulheres que usam drogas

Durante as últimas décadas, as pessoas que usam drogas (MUD), através dos movimentos sociais, têm sobrevivido a múltiplas crises de saúde e, de um modo geral, têm sido consideradas como objetos passivos das políticas de drogas, baseadas em larga maioria na visão ideal de um "mundo sem drogas".

Neste contexto, a presente discussão baseia-se no estudo de caso do colectivo MANAS, um projeto de investigação-ação e de sensibilização liderado por mulheres e pessoas não binárias que usam drogas sobreviventes a múltiplas violências. Este breve documento tenta resumir o potencial do activismo das mulheres que usam drogas na produção de soluções inovadoras no domínio da política de drogas (e especialmente nas estratégias de redução de danos), bem como o mecanismo através do qual estas experiências podem ser transferidas para práticas locais e agendas políticas nacionais e internacionais.

Contextualização

Há décadas (desde a Convenção Única das Nações Unidas sobre Estupefacientes de 1961) que a política de luta contra a droga adopta, em geral, o objectivo ideal de um "mundo sem drogas" (UNODC 2009, UNGASS 2016).

Esta abordagem, no entanto, provou ser, em geral ineficaz. O impacto das políticas proibicionistas tem frequentemente afectado negativamente (e sempre desproporcionalmente) grupos de baixo rendimento (GCDP 2018; GCDP 2011), e os seus sucessos são escassos ou nulos, instigando inclusivamente a mais recente crise de opiáceos e toda a necropolítica envolta, deixa claro que uma nova abordagem para as políticas de drogas que incluam a redução de danos como princípio básico essencial é urgentemente necessária (Taha et. all 2019).

De forma mais ampla, no que diz respeito à falta de perspectiva de género na política de drogas, é necessário reconhecer que confiar em "narrativas de défice: proibição, patologia, risco e trauma" (Chang 2020, com base em Foucault 1981) nem sempre serve o melhor interesse das pessoas que usam drogas e menos ainda das mulheres e pessoas não binárias que usam substâncias psicoativas.

Dito isto, o reconhecimento do potencial do activismo de base pode dar às partes interessadas da comunidade, investigadores, decisores políticos e outros interlocutores, conhecimentos sobre as necessidades, os desejos e as aspirações das sobreviventes a esta guerra. Entre os princípios fundamentais a este respeito, a elaboração de políticas deve envolver mais diretamente as comunidades marginalizadas (OEDT 2022), seguindo o princípio "nada sobre nós sem nós" (Declaração de Vancouver 2006).

Em particular, esta discussão informada por lentes interseccionais e por experiências como o movimento NarcoFeminista (Declaração de Barcelona 2019), que apontaram para a falta de dados de investigação sensíveis ao género (Nougier 2020); reconhecendo a importância das práticas quotidianas nos movimentos de base (Ettorre 2017), bem como a centralidade dos cuidados como princípio organizador de resposta a situações de crise (Lima 2014).

1. Fazer por nós mesmas

Em janeiro de 2021, na sequência do documentário “Seis Mulheres, Uma Semente” de Larissa Lewandoski, implementámos um espaço mais seguro semanal, orientado por práticas artísticas e de bem-estar. O principal ponto em comum entre as mulheres que quiseram participar e ser pagas para terem a oportunidade de contar as suas histórias foi o facto de terem de lidar com a violência múltipla e o desejo de acção directa em conjunto.

Outro dos objectivos primeiros passou também por desenvolver dinâmicas que instiguem o debate sobre as agendas da igualdade de género, igualdade de oportunidades e não discriminação em função da deficiência, raça, origem étnica, religião ou crença, idade, orientação sexual e outras interseccionalidades que envolvam as mulheres jovens e mulheres mais velhas;

Compreendendo as dificuldades no acesso à saúde, nomeadamente do âmbito sexual e reprodutivo, estas reuniões começaram também por promover oficinas com temas relacionados à saúde da mulher (, redução de danos no uso de drogas e trabalho sexual, prazer, apoio jurídico, entre outros, não descurando do cuidado informado do trauma;

Foi ainda possível desenvolver uma prática de *mindfulness* baseada na redução do stress com base na atenção plena (MBSR) como método para (re)descobrir a paz, focalizar a consciência, aliviar a ansiedade causada pelo uso de drogas psicoactivas, apoiar o envolvimento e permitir a expressão mais completa e autêntica da vida.

-Evitar ou reduzir a sobrevivência quotidiana através do apoio mútuo e produzir os nossos próprios *statements* políticos;

E o mais importante:

- Promover a ligação das manas sobreviventes a múltiplas violências entre si - potenciando a auto-expressão individual e em grupo – “A mim cuidam-me as minhas manas”.

- Ligar as manas e pessoas não binárias a estruturas de cuidados, potenciando a melhoria das determinantes sociais de saúde, procurando atendimentos específicos e redes de apoio comprometidas, fruto de diferentes parcerias, e reencaminhando as interessadas para os recursos especializados em violência de género (sistema de referência).

2. Implementar: nada sobre nós sem nós

O âmbito de ação é entendido como parte das diferentes áreas baseadas nos princípios do apoio mútuo, da educação não formal e da luta contra a guerra às drogas. As principais actividades do grupo são:

i) Grupo de Apoio Mútuo entre Mulheres Sobreviventes a múltiplas violências (GAMEM), baseado na promoção de rodas de conversa que facilitam a troca de experiências de sobrevivência, enfrentando a violência estrutural e íntima. Isto está ligado ao empoderamento e ao encorajamento de cada mulher a ser protagonista. Nos últimos dois anos, foram realizadas sessões específicas sobre bullying, maternidade e consumo de substâncias, violência de género, trabalho sexual, agressão sexual para combater a violência machista, destacando estratégias de sobrevivência entre as pessoas sem-abrigo através da solidariedade, da ajuda mútua, do apoio dos pares e dos cuidados informados sobre o trauma.

ii) Capacitação e formação:

A promoção da educação não formal, da formação profissional e de metodologias participativas que abordam a cidadania plena permitiu-nos desenvolver dinâmicas que instigam o debate sobre as agendas da igualdade, incluindo a igualdade de oportunidades e comportamentos não discriminatórios, através de práticas artísticas, considerando qualquer minoria, como mulheres sem-abrigo, mulheres com deficiência, mulheres que usam drogas, que fazem trabalho sexual, mulheres racializadas ou migrantes, mulheres em qualquer idade, com orientação sexual diversa e outras interseccionalidades que envolvem as demandas de mulheres e pessoas não binárias.

2. Saúde e cuidados comunitários

Realizaram-se muitos workshops de capacitação, nomeadamente relacionados com a saúde das mulheres (sexual e reprodutiva), doenças infecciosas especialmente dedicadas às mulheres que vivem com VIH, redução de danos no consumo de drogas e práticas sexuais e acesso a apoio jurídico. São também feitos rastreios (testes rápidos) em

contexto comunitário entre pares. Esta prática semanal de encontro permitiu-nos trabalhar diversas questões do âmbito da violência de género e saúde sexual e reprodutiva (incluindo consultas de VIH e ISTs), bem como a distribuição multiplicada de produtos de redução de danos, tais como preservativos, lubrificantes, cachimbos de crack, kits de seringas, naloxona, máscaras, álcool gel, produtos de higiene íntima feminina (toalhetes íntimos, tampões e pensos), alimentos e vestuário.

Perguntas:

Como é que o processo de decisão influencia as dinâmicas de apoio mútuo?

De que forma pode ser potenciada a inclusão de mais mulheres nesta construção entre pares que alimente a melhoria da qualidade de vida entre as mesmas?

Que determinantes sociais e de saúde trabalham enquanto grupo da perspectiva da antropologia médica»

Sobre a importância de não nos permitirmos ser silenciadas

Mulheres que estão com mulheres

--

Neste grupo o inesperado, aquilo que se pensou impossível.

Tornou-se uma semente germinada. Aqui é ilimitado, o sonho é nosso.

(Magda Ferreira, co-fundadora das MANAS)